

À PROCURA DE UM ROSTO OU DE UMA VOZ

— O ENSAÍSMO LITERÁRIO DE ÓSCAR LOPES E EU

«Ler ou escrever um texto denso é (...), por vezes, a procura de um rosto, ou de uma voz, tanto mais voláteis quanto mais importaria apreendê-los.»

Uma Arte de Música e Outros Ensaios (1986)

Queria ser pintora, ou poeta, ou sobretudo música para dizer de um modo superior e único como gosto do homem de excepção que é Óscar Lopes. Estou a referir-me ao homem, só ao homem, com a sua pequena figura frágil e resistente, o seu olhar meigo e suspenso, os seus gestos ágeis e envolventes. Porque é exactamente e desde logo como ser humano que o sei e o sinto de excepção.

A sua capacidade de entrega é tão grande, a simplicidade e facilidade com que se dá e dá tão comovedoras e raras, que só podem explicar-se por duas ordens de razões — porque ama de facto o próximo e porque ama profundamente o seu ofício de ensinar. Dá com a mesma alegria simples o seu saber, os seus livros, o seu chá, as camélias do seu jardim. E dá, o que hoje é cada vez mais raro, o seu tempo.

Admiro nele outros traços da sua personalidade social e humana que estão para além do elevado saber unanimemente aceite: o gosto pelo diálogo, a tolerância imensa, a capacidade de trabalho, o espírito de solidariedade, o empenhamento nos seus ideais políticos, sociais e pedagógicos, a disponibilidade para atender o outro, o gesto galanteador, a abertura de espírito, a atenção ao novo, a capacidade de se emocionar perante a beleza, a curiosidade de espírito, o rigor no que faz, uma ingenuidade que não sei definir, o amor pela língua, pelas flores, pelos gatos, pela vida... Admiro o homem bom que ele é.

Tinha que começar por esta despidorada “declaração de amor”, antes de tentar reflectir sobre a sua atitude perante a literatura, dado que, fruto da minha formação e actividade é esse lado do seu trabalho científico que mais me retém. Por respeito pelos que me lerem, devia fazê-lo, confessando deste modo a minha incapacidade para, no caso concreto, separar a obra e o homem.

Tenho a mágoa de nunca ter sido aluna de Óscar Lopes, nem como estudante liceal, nem como universitária, se bem que, cumpre-me lembrá-lo, tivesse tido uma professora de Português no então 6.º ano dos Liceus que recomendava como manual, numa atitude então bem rara e um tanto incómoda, a *História da Literatura Portuguesa*, de que Óscar Lopes é co-autor. Quando ele pôde, enfim, chegar à Universidade, em Abril de 74 — foi aí que o conheci — era eu estudante finalista. Depois, o seu magistério universitário centrou-se na linguística e eu, jovem assistente mergulhada na imperiosa preparação das aulas de literatura e na agitação constante da escola da época, não percebi que deveria ter seguido as aulas de Óscar Lopes, fossem elas sobre que fossem, mesmo sobre “Linguística Matemática e Computacional”, a qual se me afigurava tão distante dos “meus” surrealistas em torno dos quais me esforçava à época. Resta-me o gosto de o ter tido entre os membros do júri das minhas provas de doutoramento.

A ideia que retenho da sua presença dessa época na Faculdade é a de uma super-actividade, uma entrega total à gestão do que era quase ingerível com uma energia inesgotável. Passada a efervescência pós-25 de Abril fui conhecendo pouco a pouco o Óscar fora dos limites institucionais — fui-o procurando em sua casa, pedindo-lhe ajuda nos projectos de trabalho em que me ia envolvendo, fui tendo o privilégio de o encontrar em múltiplos encontros, colóquios, congressos, de com ele conviver em viagens de trabalho, fui usufruindo dos seus livros e sobretudo do seu saber e das suas intuições, fui bebendo do seu chá e gozando as camélias que colhe para mim; assim fui descobrindo o homem excepcional de que gosto tanto.

*

* *

O que mais me impressiona na obra de crítica e ensaísmo literários de Óscar Lopes decorre da sua feição integradora, no sentido em que se entretete numa rede de saberes que vão da história à filosofia, da filologia à

pragmática linguística, da música à matemática, da pintura à física. É um prazer ver como ele chama esses saberes, essa enciclopédia pessoal para ler os textos e procurar-lhes sentido, sem que isso implique um estendal pesado de erudição, da qual de resto se afasta voluntariamente, ou uma estratégia autoritária para encerrar o texto num sentido.

E aproximo-me de um outro aspecto que me atrai no percurso crítico-ensaístico de Óscar Lopes. Refiro-me ao seu carácter simultaneamente evolutivo e consequente. É possível reconhecer o ensaísta de hoje nos seus velhos textos e nos textos de hoje reencontrar a sua conhecida voz, sem que isso signifique estatismo teórico-crítico, nem afastamento em relação a princípios ideológicos marxistas que sempre nortearam a sua aproximação dos textos e da realidade em geral.

Nos textos antigos, designadamente nas reflexões que Óscar Lopes nos tem oferecido sobre o que para ele constitui fazer crítica e ensaísmo literários, pressente-se já a consciência de que o texto literário é um texto em aberto, que a leitura faz renascer. Em 1965, dizia ele numa conferência: “a obra vive as milhentas vidas sucessivas e simultâneas cujo ciclo se pode considerar iniciado no momento da sua redacção definitiva e que se continua através de cada leitura mais ou menos atenta que a interprete, que jerarquize e até seleccione as suas numerosíssimas intenções expressas, que portanto a refaça com um mínimo de capacidade recriadora ou vivificante sem o qual tal leitura não passa de um acto mecânico”¹.

A cada leitor cabe este papel de revivificador do texto, dado que lança sobre ele uma quota parte de responsabilidade na criação, mas implica ao mesmo tempo a aceitação de que cada leitura fica condicionada pelo circunstancialismo que rodeia o leitor. Este facto, historicizando a leitura, permite a Óscar Lopes atribuir a toda a leitura um carácter provisório, que se por um lado parece desresponsabilizar o crítico, por outro propicia a abertura de uma janela ao diálogo e à releitura crítica, também ela, por seu turno, aberta. Em meados dos anos 50, ele escreve: “a permanência de cada obra de arte é a de um movimento constante, cheio de saltos e de redescobertas criadoras: uma *Paixão* de Bach desmente e instabiliza em nós um conceito definido de realidade bem diferente do conceito de realidade de Bach, ao que não são indiferentes, entre outras coisas, nem as transformações ocorridas no modo de produção económica, nem o facto de já ter-

¹ LOPES, Óscar — “A Educação do Gosto Literário”, *Modo de Ler*, Porto, Editorial Inova, 1969, p. 84.

mos ouvido os quartetos de Bartok, por exemplo”². Ao crítico caberá, portanto, “uma progressiva síntese refundidora”³.

Ora, cerca 40 anos mais tarde, justificando o trabalho do crítico e o carácter que pretende “precário” das suas “tentativas” ensaísticas, recolhidas no recente livro *A Busca de Sentido* (1995), ouvimos o mesmo Óscar Lopes dizer, no fundo *repetindo*: “Se é que há algum *dado*, é este, de reencontrar na inevitável (e mesmo necessária) distância o chamado *círculo hermenêutico*, que restitua a continuidade (humana) nas incoincidências (quase sempre insensíveis) dos horizontes de compreensão provisoriamente imediata”⁴.

Assim, ler, para Óscar Lopes, é fazer tentativas, é ensaiar sínteses, pontos de equilíbrio num palco de conflitos que um texto sempre constitui, sem omitir a própria conflitualidade do eu crítico. O exercício crítico afigura-se-lhe a procura de sentido apesar da complexa ambiguidade de que o texto está eivado e apesar do crítico ser ele mesmo uma *dramatis persona* num palco onde figuram outras personagens⁵. Não é despreciando o facto de quatro dos seus mais conhecidos livros de ensaios, de épocas diversas, terem títulos que se centram nas ideias de *sentido* e de *leitura* — *Ler e Depois* (1969), *Modo de Ler* (1969), *Os Sinais e os Sentidos* (1986) e *A Busca de Sentido* (1995). Apesar de acabar por declarar não saber “o que o(s) sentido(s) seja(m)”⁶, Óscar Lopes reclama à exaustão e desde sempre a actividade crítica como *A Busca de Sentido*, sentido ao qual também chama “síntese” — por exemplo em *Modo de Ler* (1969) ou em *Álbum de Família* (1984) —, a síntese “possível”, pese embora o facto de ela se refazer, já o dissemos, a cada nova leitura. Em Maio de 1985, ao ser-lhe entregue o Prémio Jacinto do Prado Coelho, ele chama a si mais uma vez esse conceito: “Quando se verifica a extraordinária quantidade de ambiguidades ou contradições que nós resolvemos no mais simples acto de comunicação razoavelmente logrado, é difícil conceber que a poesia se caracterize pela simples abertura de um texto à ambiguidade e à contradição, sem que essa

² LOPES, Óscar — “Concepções de Arte e de Crítica”, *Idem*, p. 36.

³ *Ibidem*.

⁴ LOPES, Óscar — *A Busca de Sentido*, Lisboa, Caminho, 1995, p. 10.

⁵ A propósito dos ensaios de datas diversas, que recolhe em *Os Sinais e os Sentidos* (Lisboa, Caminho, 1986), Óscar Lopes manifesta o desejo de que: “nos sinais de escrita deste livro se acrescentem, ao sentido inicial, outros sentidos, conferidos por situações históricas já distanciadas e que permitem ver o autor (e o próprio autor se ver) como sendo uma *dramatis persona* num palco marcado por outras personagens, e por objectos ou projectos comuns, ou diversos.”(p. 10).

⁶ *Ibidem*.

abertura contenha um desafio à síntese possível e competentemente unívoca de cada aqui e agora”⁷.

Insisto, porém, na ideia de que esta “busca” é a “busca de sentido” e não a busca de um sentido. Óscar Lopes não se cansa de reclamar que “o seu principal intuito é o de estimular uma reflexão dirigida em variados sentidos”⁸, num esforço que é a um tempo de diálogo com o texto e de diálogo com o seu leitor e que pressupõe sempre a ideia da leitura como uma aventura: “Não se sabe ao certo ao que se vai (pode ser sempre mais ou menos, imprevisto); e parte-se de algo de impreciso, como um pseudópode que se estende para fora a partir da célula total”⁹.

Esta procura de sentido num texto aproxima-a Óscar Lopes da procura de sentido da vida. Os textos como a vida são mais ou menos conflituais e são sempre “uma condensação de experiência social *activa*”¹⁰ onde confluem representações de um passado que persiste no presente e expectativas de um futuro que já atravessa o presente. E enquanto experiência social que é faz apelo, em Óscar Lopes, a um imperativo ético, na medida em que ele sente absolutamente que o destino de qualquer ser social é também o seu destino. E o destino individual do ser humano é sempre trágico, porque a vida, tal como a conhecemos pelo menos de há dez mil anos para cá, pensa Óscar Lopes, é “vivos a comer vivos”, o que o faz experienciar um “mal estar intrínseco, uma ideia sofrente” — como ele diz — que o levam à procura de utopia sempre que lê. A literatura e a leitura permitem-lhe, então, conjugar o drama da sua visão individual muito pessimista da vida com o seu optimismo social, o próprio drama da vida que nos faz sentir a magnificente beleza de um bando de gazelas galgando pela savana, conhecendo nós antecipadamente a tragédia da gazela que será abocanhada pelo leão.

Por tudo isto, para Óscar Lopes, “ler ou escrever um texto denso é passar por uma vivência de profunda solidão,” — que não é incompatível,

⁷ LOPES, Óscar — *Uma Arte de Música e Outros Ensaios*, Porto, Oficina Musical, 1986, p. 22 ou *Cifras do Tempo*, Lisboa, Caminho, 1990, pp. 14-5.

⁸ LOPES, Óscar — *Álbum de Família*, Lisboa, Caminho, 1984, p. 10.

⁹ LOPES, Óscar — *A Busca de Sentido*, edição citada, p. 11.

¹⁰ “Por muito confusa e indecisa que seja a nossa experiência humana,” — diz Óscar Lopes — “palavras como *eu* e *nós* carregam toda a evidência de uma complexa história unificada de assimilação ou acomodação, e palavras como *aqui* e *agora* ligam-se à evidência dos enquadramentos, dentro dos quais se nos impõe fazer qualquer coisa, aqui e agora entre um passado que está ainda *presente* sob a forma de resultados e representações, e um futuro evidenciado por um conjunto *presente* de expectativas a ponderar, ou de alternativas a escolher. Um texto é, assim, uma condensação de experiência social *activa*.” (*Uma Arte de Música e Outros Ensaios*, edição citada, p. 22).

note-se, com aquele imperativo ético de que falava há pouco — “porque o texto poético, fictivo, ou radicalmente meditativo, suspende o dispositivo quotidiano da comunicação: é uma evocação, ou *Gedankenexperiment*, de mundos possíveis, organizados a partir de fragmentos do mundo mais óbvio, e ligados a hipóteses de uma alternativa mais compreensível ou então mais desejável. Ler ou escrever um texto denso é ainda, por vezes, a procura de um rosto, ou de uma voz, tanto mais voláteis quanto mais importaria apreendê-los”¹¹.

Quero ainda trazer a este momento de reflexão a componente central na obra de Óscar Lopes de historiador da literatura portuguesa. Creio que o sentido que tem para ele fazer história da literatura não está muito longe do sentido que acabámos de ver que tem para ele ler e escrever, isto é, procurar um rosto, uma voz... Fazer história da literatura portuguesa é procurar o seu próprio rosto, é procurar a voz do seu país, é explicar-se, explicando-nos — é tentar perceber o que há, se é que há, de especificamente portugueses, é perguntar-se qual é o nosso papel na história.

A literatura interessa-o antes de mais enquanto acto de dizer, enquanto palavra que depois de dita tem muitos significados e que em novos contextos novos significados ganha. Fazer história (da literatura ou outra) será então sempre fazer uma narração, nunca uma ressurreição. A hermenêutica entendida como tensão entre certa ideia que fazemos de um objecto e aquilo que esse objecto será, ideia que à medida que vai sendo afinada, vai alterando a nossa própria representação do momento presente, tem sido importante para Óscar Lopes conceber o seu projecto de uma historiografia da literatura como narração em aberto. A *História da Literatura Portuguesa*, que elaborou de parceria com António José Saraiva, tem 16 edições revistas e é um projecto inacabado, exactamente porque ele partilha da ideia optimista de que não se pode beber duas vezes a mesma água, de que não se vê a mesma coisa duas vezes da mesma maneira. Por isso mesmo, já nos anos 50, Óscar Lopes falava em fazer “história da literatura em função do público”¹².

¹¹ *Idem*, p. 23.

¹² “A história feita em função da análise dos públicos que estimularam autores e obras, dos públicos que os autores visavam — públicos actuais, públicos que já não existiam, públicos entrevistados, para cem anos depois, mas estas duas categorias representadas sempre por minorias contemporâneas do autor — repõe a literatura nas relações cotidianas dos homens, faz sentir as concepções mais concretas de vida de um homem sócio de muitos, sugere as interligações e a instabilidade do mundo do escritor e do nosso.” (LOPES, Óscar — *A História da Literatura em Função do Público*, «Vértice», n.º 89, Janeiro de 1951, p. 398).

À PROCURA DE UM ROSTO OU DE UMA VOZ

O momento presente nunca está definido, define-se reciprocamente em relação ao seu objecto. Logo, para Óscar Lopes, conhecer o passado é conhecer o presente — fazer história da literatura portuguesa é conceber um futuro português.

Isabel Pires de Lima